

Projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado

A “morte do homem” em desdobramentos contemporâneos: uma investigação histórico-filosófica a partir de Michel Foucault

Pesquisador Responsável: Franklin Leopoldo e Silva

Candidata à Bolsa¹: Fernanda Gomes da Silva

Instituição: Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

São Paulo, Dezembro de 2019

¹ O projeto aqui apresentado foi redigido no formato requerido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para qual será submetido caso seja admitido por este Departamento.

Resumo

O principal objetivo da pesquisa é acompanhar as ressonâncias do diagnóstico da “morte do homem” – anunciado por Michel Foucault em *Les mots et Les choses* – em certa produção do pensamento contemporâneo que se denomina ou é localizada sob a égide do pós-humanismo. Dada a amplitude e pluralidade que caracteriza o campo dito pós-humanista, buscamos inicialmente produzir uma cartografia dos caminhos percorridos pela *crítica da razão antropológica* empreendida por Foucault com o intuito de encontrar proximidades e diferenças nesse debate. O nosso argumento inicial é de que essa crítica se desdobra, na nossa contemporaneidade, em ao menos duas vias distintas para o pensamento filosófico. Por um lado, um caminho ético-político, já apontado pelo filósofo francês, que tem na criação de si e na produção de novos modos de vida um recurso para escapar da “forma homem” como medida, meta ou fundamento – denominado em termos classificatórios como *pós-humanismo crítico*. Por outro, a discussão vinculada à superação do homem pela tecnologia, propagada pelo discurso *transhumanista*. Este projeto terá como foco principal esta última vertente, que será cotejada, criticamente, tanto com as elaborações foucaultianas como com a perspectiva trabalhada pelo *pós-humanismo crítico*. Buscaremos, em nossa pesquisa, borrar as fronteiras de uma generalização apressada, que não só coloca sob o mesmo registro proposições muito diferentes em cada vertente, como produz imediatamente uma cisão entre elas. Colocar essas vias em relação visa, por fim, a uma interrogação que pretende tensionar os limites do que somos e pensamos no nosso presente, vinculando-se à uma *ontologia crítica de nós mesmos* tal como foi proposta por Foucault.

Palavras-chave: Michel Foucault, crítica, antropologia, ontologia do presente, biopolítica.

1) Enunciado do problema

A presente pesquisa é um desdobramento direto da nossa tese de doutorado na qual buscamos produzir uma leitura da produção de Michel Foucault – em uma perspectiva de conjunto – tendo como eixo gravitacional o que chamamos de *uma crítica da razão antropológica*². Apesar da questão antropológica ter alcançado maior

² GOMES DA SILVA, F. *Como pode o homem escapar de si mesmo? Uma leitura ficcional de Michel Foucault*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Orientação: Professora Salma Tannus Muchail. O trabalho foi realizado com financiamento da Fundação de Amparo à

notoriedade em *Les mots e les choses*, com o anúncio da “morte do homem”³, evidenciamos a sua presença já na tese completar, apresentada em 1961⁴. Argumentamos, ainda, que essa crítica se mantém ao longo de sua trajetória filosófica e, apesar de suas modificações, se mantém central em cada etapa do trabalho de Foucault⁵.

Este projeto parte dos resultados da nossa pesquisa doutoral com o interesse de compreender como algumas das questões que ocuparam Michel Foucault em sua crítica do fundamento antropológico do pensamento moderno possuem desdobramentos na nossa contemporaneidade. Nesse cenário, trata-se de uma investigação que faz uso do trabalho de Foucault em três medidas. A primeira delas, diz respeito à maneira como o filósofo constrói um aparato crítico em torno da ideia de homem e seus impactos epistemológicos, éticos e políticos. Já a segunda pretende analisar de que modo as

Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) através dos processos nº 2014/06031-8 e nº 2015/20331-7.

³ Cf. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 536: “O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico — então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”.

⁴ Em 1961, ao mesmo tempo em que publicava *Histoire de la folie à l'âge classique* – sua tese principal de doutorado –, Foucault apresentava também, conforme a regulamentação da Universidade francesa à época, sua “pequena tese” ou “tese complementar”, como ficou conhecida entre os pesquisadores que se deslocavam até a Sorbonne para consultar a versão datilografada, depositada em sua biblioteca. O texto, que se dedicava à tradução e análise de *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant, não foi publicado na ocasião e permaneceu inédito até 2008, quando ganhou uma edição preparada por D. Defert, F. Ewald e F. Gros, seguindo os critérios editoriais das publicações póstumas de Foucault.

⁵ Longe de querer descobrir no percurso de Foucault a gênese e estrutura de suas investigações o que buscamos foi tratar esse movimento retrospectivo como um ato criativo, capaz de redimensionar os trabalhos anteriores e inseri-los na tarefa, sempre móvel, de pensar *autrement*. O que nos interessou particularmente nesse exercício de auto-reflexão foi acompanhar o movimento de suas investigações, os deslocamentos que caracterizam esse modo de fazer pesquisa, que se estabelece em oposição à própria ideia de método sistematicamente aplicável. Buscamos então identificar uma questão suficientemente abrangente, que nos possibilitasse abordar as transformações de tratamento que o tema do homem sofreu ao longo de sua trajetória intelectual. O próprio Foucault, ao analisar o seu trabalho em retrospectiva, afirma que o objeto principal de suas pesquisas sempre foi o sujeito e não o poder. Em outras ocasiões ele defende que procurou se ocupar, ao longo da sua trajetória, do problema da verdade. Ainda, em uma terceira formulação, ele defende que se dedicou a pensar nas relações entre sujeito e verdade. A noção de *uma crítica da razão antropológica* também nos permitiu transitar nesse jogo de auto-reformulação tão característico de seu pensamento.

produções contemporâneas vinculadas ao *pós-humanismo crítico* e ao *transhumanismo* – noções que serão melhor estabelecidas ao longo deste projeto – produziram uma atualização crítica da questão antropológica em moldes coincidentes aos delineados por Foucault. E a terceira, enfim, inspira-se nos procedimentos teórico-metodológicos foucaultianos, propondo uma investigação histórico-filosófica vinculada a uma *ontologia crítica do presente*. Antes, porém, de estabelecermos os aspectos que sedimentarão a pesquisa proposta, reconstituiremos a problemática que motivou a proposição desta investigação.

No texto intitulado *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, Foucault analisa a obra do filósofo de Königsberg em articulação com o empreendimento crítico e a produção da época em torno da Antropologia. Entretanto, o principal argumento da tese complementar é a denúncia da ilusão antropológica que deriva do empirismo antropológico. Foucault afirma que “a empiricidade da *Antropologia* não pode fundar-se sobre si mesma”⁶. Desse modo, se a ilusão antropológica aparece historicamente como empiricidade fundadora, essa confusão não decorre de um erro contingente, para o qual uma retificação poderia dar um fim, mas de uma ilusão que nunca deixa de renascer, uma vez que pertence à estrutura do pensamento moderno⁷. Enquanto a ilusão transcendental designa uma transgressão do entendimento ao infinito, a ilusão antropológica define uma regressão e uma confusão da finitude em relação a si mesma. A ilusão antropológica repete em negativo, portanto, a ilusão transcendental⁸.

Nesse movimento Foucault também situa a questão historicamente e insere o tema antropológico no debate filosófico do período sobre o qual ele produzirá uma crítica em

⁶ FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2011, p. 106.

⁷ Gerard Lebrun distingue claramente o erro da dogmática clássica e a ilusão transcendental kantiana: o primeiro é baseado na confiança de possuir a verdade, enquanto a ilusão kantiana diz respeito à fonte de todos os erros, isto é, da confiança na própria verdade. Cf. LEBRUN, G. *Kant et la fin de la métaphysique*. Paris, Le Livre de poche, 2003, p. 75: “aussi distinguera-t-on – et cette distinction est essentielle – la tromperie (*Betrug*) corrigible et l’illusion inévitable. Toutes deux ont même origine: l’ignorance de l’indétermination [de la connaissance], – mais l’illusion met en lumière que cette ignorance est une mauvaise foi positive et non la simple méconnaissance du vrai (...) Il y a possibilité de rester aveugle à la vérité pour une autre raison que l’ignorance, impossibilité de rectifier ma vision même en sachant qu’elle trahit mon savoir”.

⁸ FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, op. cit., p. 109.

trabalhos posteriores⁹. A análise das relações entre *Crítica e Antropologia* assume, nesse sentido, já aqui uma forma de resistência em relação às filosofias da consciência e do sujeito. Se Husserl denuncia a antropologização crescente na filosofia, como nos lembram os editores da “tese complementar”¹⁰, tal leitura do pensamento kantiano permite a Foucault sustentar e ampliar essa denúncia, ao afirmar que este é um uso ilegítimo do pensamento de Kant, que coloca a ilusão antropológica no mesmo nível da ilusão transcendental, produzindo uma espécie de derivação¹¹.

Desse modo, Foucault defende que a *Antropologia* é, precisamente, o ponto de um desvio que leva à forma antropológica que a filosofia assume depois de Kant e que essa forma não se sustenta, na medida em que é fundamentada em um equívoco sobre o significado e os limites da questão antropológica: a antropologia “só pode dar acesso à região do fundamental se permanece na obediência de uma crítica. [...] Ela só pode falar a linguagem do limite e da negatividade” tendo apenas o sentido de “transmitir vigor crítico à fundação transcendental da procedência da finitude”¹².

Foucault fecha a sua análise da *Antropologia* de Kant afirmando que apenas Nietzsche compreendeu e ao mesmo tempo pode ir além de Kant. A presença de Nietzsche aqui é decisiva para o combate que Foucault irá travar. Se este é invocado na continuidade de Kant, é para produzir uma radicalidade que ultrapassa o empreendimento kantiano ao anunciar não só a morte de Deus, mas a dissipação da figura do homem que foi colocada no seu lugar:

é na morte do homem que se cumpre a morte de Deus. Não seria possível conceber uma crítica da finitude que fosse liberadora tanto em relação ao homem quanto em relação ao infinito e que mostrasse que a finitude não é termo, mas a curva e nó do tempo onde o fim é o começo? A trajetória da questão *Was ist der Mensch?* no campo da filosofia se completa na resposta que a recusa e a desarma: *der Übermensch* [o além-do-homem].¹³

Foucault, na esteira de Nietzsche, está mais interessado na morte do homem que na morte de Deus; é esta importante distinção que lhe permite operar uma crítica mais

⁹ A análise empreendida em *Les mots et les choses*, bem como os artigos e entrevistas que se seguem à sua publicação, apresentam um posicionamento claro contra sistemas filosóficos sustentados em bases antropológicas.

¹⁰ FOUCAULT, M. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, op. cit., p. 8.

¹¹ Id., *Ibid.*, p. 109.

¹² Id., *Ibid.*, p.108.

¹³ Id., *Ibid.*, p. 111.

radical que aquelas dirigidas – até então – à metafísica. Foucault denuncia a armadilha que assola o pensamento moderno que, ao tentar se desvencilhar das ideias de Deus, alma e mundo, teria sucumbido à ilusão antropológica.

Se com o empreendimento crítico Kant colocou em questão a metafísica clássica, ao expor a ilusão transcendental que sustentava as suas colunas, Foucault pretende evidenciar a ilusão antropológica que sustenta o pensamento moderno, em um movimento crítico que estende o seu questionamento a todas as “antropologias filosóficas”¹⁴. Para escapar do antropologismo é preciso ir além do reconhecimento da ilusão transcendental, é preciso resistir à ilusão antropológica. É em direção a tal prolongamento crítico que Foucault realiza suas investigações arqueo-genealógicas.

Em sua dimensão arqueológica as pesquisas empreendidas por Foucault refutam certa história “tradicional”, “global” ou “antropológica”, encadeada por um sujeito originário. O interesse de Foucault, assim, se volta para os começos históricos relativos, que podem ser conjugados numa população de acontecimentos dispersos. Não há, portanto, objetos estáveis passíveis de reconstrução histórica. O discurso emerge, nesse registro, como objeto privilegiado de análise. São suspensas, desse modo, a soberania do sujeito e o valor geral da verdade. A dimensão genealógica, por sua vez, se ocupa das proveniências buscando produzir um deslocamento da análise filosófica do sujeito do conhecimento reposicionando-a sobre o corpo. É aqui que a questão da resistência ganha relevo. O diagnóstico das práticas normativas que revelam os excessos cometidos – em nome da razão – abre, também, a possibilidade de encontrar meios para mudanças possíveis.

¹⁴ Id., *Ibid.*, p. 110. Foucault retoma e amplia essa crítica em *As Palavras e as coisas*, ao caracterizar o “sono antropológico”, que configura a filosofia moderna, em clara alusão ao sono “dogmático” contra o qual lutava Kant: “Constituiu-se uma reflexão de nível misto que caracteriza a filosofia moderna. A preocupação que ela tem com o homem e que reivindica não só nos seus discursos como ainda no seu *páthos*, o cuidado com que tenta defini-lo como ser vivo, indivíduo que trabalha ou sujeito falante, só para as boas almas assinalam o tempo de um reino humano que finalmente retorna; trata-se, de fato — o que é mais prosaico e menos moral — de uma reduplicação empírico-crítica pela qual se tenta fazer valer o homem da natureza, da permuta ou do discurso como o fundamento de sua própria finitude. Nessa dobra, a função transcendental vem cobrir, com sua rede imperiosa, o espaço inerte e sombrio da empiricidade; inversamente, os conteúdos empíricos se animam, se refazem, erguem-se e são logo subsumidos num discurso que leva longe sua presunção transcendental. E eis que nessa Dobra a filosofia adormeceu num sono novo; não mais o do Dogmatismo, mas o da Antropologia. Todo conhecimento empírico, desde que concerne ao homem, vale como campo filosófico possível, em que se deve descobrir o fundamento do conhecimento, a definição de seus limites e, finalmente, a verdade de toda verdade”. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. op. cit., p. 352.

As técnicas de si assumem, desse modo, um papel estratégico na efetivação de uma *crítica da razão antropológica*. A atenção dedicada por Foucault ao trabalho sobre si em seus últimos textos ganha contornos mais complexos se levarmos em conta o conjunto de seu empreendimento. A proposição de fazer de si mesmo uma obra de arte pode ser lida, assim, a partir de sua potencialidade política de *escapar de si mesmo* através de uma resistência subjetiva a formas de governo sempre renovadas, mas amplamente ancoradas em um projeto de humanidade. Desse modo, sustentamos que a questão antropológica não apenas se mantém como uma constante temática, mas que os deslocamentos pelos quais as investigações de Foucault passam ao longo de sua trajetória perseguem a tarefa de escapar da *forma* homem a fim de produzir um pensamento *outro*.

Propomos, agora, acompanhar os desdobramentos dessa crítica do fundamento antropológico em diferentes elaborações no nosso presente. A investigação se desloca, assim, de um trabalho sobre o pensamento de Michel Foucault para pensar o rebatimento que a sua *crítica da razão antropológica* pode produzir no pensamento contemporâneo¹⁵ ao mesmo tempo em que nos valemos de sua caixa de ferramentas como recurso analítico. A pesquisa buscará, portanto, produzir uma cartografia¹⁶ de tratamentos desta temática em campos e autores que procuram operar uma ruptura com a noção moderna de homem. O trabalho visa, desse modo, investigar o devir filosófico de uma questão, procurando traçar os contornos da atualização que o problema antropológico assume no presente.

Recorreremos, provisoriamente, ao termo pós-humanismo para designar o campo de formulações em torno da “morte do homem” considerando que essa expressão se refere ao esgotamento de um entendimento historicamente constituído do ser humano, que no

¹⁵ Certamente Foucault não foi o único a promover uma crítica do fundamento antropológico que permeia o pensamento moderno. A crítica aos humanismos é tão extensa quanto diversificada e, como é sabido, precede às suas formulações. Tomamos Foucault como ponto de partida porque foi através do filósofo francês que chegamos ao conjunto de problemas que motivaram a proposição deste projeto. Trata-se, portanto, de uma escolha que se dá na coerência de continuidade de nossas investigações, mas sem deixar de enfatizar a importância do autor para o debate em torno da questão do homem, como buscamos sustentar ao longo de nossa argumentação.

¹⁶ A análise cartográfica é mais um recurso metodológico que aportamos à nossa pesquisa para efetuar uma crítica do presente. O seu uso aqui parece-nos proveitoso porque a produção de diagramas [tal como caracterizados por Deleuze em seu livro sobre Foucault] permite lidar com a complexidade de relações – agenciamentos, cruzamento de forças, jogos de verdade, modos de objetivação e subjetivação e práticas de resistência e liberdade – que atravessam o campo dito pós-humanista. Cf. DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 44.

diagnóstico empreendido por Foucault está em vias de desaparecer: “como na orla do mar, um rosto na areia”¹⁷.

O vasto campo atribuído ao pós-humanismo se desenrola em ao menos duas vertentes. A primeira busca evidenciar os mecanismos de universalização do particular (sujeito masculino europeu) e de procedimentos de exclusão que forjam a constituição de *outros* – tão característicos dos humanismos que permeiam o pensamento moderno – e, a partir disso, desenvolver um modo de pensamento capaz de reposicionar essa *medida*. A segunda, por outro lado, tem tratado a “morte do homem” também no sentido de um possível desaparecimento da espécie humana pela transformação radical de sua “condição” biológica. Tal transformação ocorreria através do melhoramento ou alargamento do ser humano por meio da tecnologia. Este entendimento supõe algo que seria próprio do homem, uma “natureza” ou uma “condição humana”¹⁸, que constitui justamente o principal alvo de crítica da primeira vertente. Para fins esquemáticos chamaremos inicialmente a primeira via de *pós-humanismo-crítico* e a segunda de *transhumanismo*; denominações provisórias que funcionarão como dois segmentos que concentram multiplicidades nesse debate.

Essas duas vias, que são tomadas aqui como um recorte inicial para mapear os desdobramentos do diagnóstico da “morte do homem”, parecem, em uma primeira aproximação, divergir fundamentalmente. Na primeira, o “homem” seria o produto de um conhecimento historicamente determinado, e sua definição sempre estaria sujeita à negociação. Já a segunda parece estar ancorada na ideia de uma natureza humana ou no que seria a constante biológica do ser humano para pensar os limites de seu aprimoramento.

O chamado pós-humanismo crítico está presente de forma contundente em uma extensa produção filosófica contemporânea que busca combater o homem como medida e evidenciar os regimes de exclusão que a constituição dessa medida supõe. Os trabalhos de Rosi Braidotti e Donna Haraway são exemplares nesse sentido. Em seu livro *The Posthuman*, Braidotti define o humanismo como a universalização de uma determinação

¹⁷ FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. op. cit., p. 536.

¹⁸ BOSTROM, N. “Human Genetic Enhancements: A Transhumanist Perspective”, *The Journal of Value Inquiry*, vol. 37, 2003, p. 493.

específica do humano, a do homem branco europeu¹⁹. Ainda segundo a filósofa ítalo-australiana, essa universalização do particular é acompanhada pela distinção hierárquica entre aqueles que acessam plenamente a humanidade e os que são, de certo modo, privados dela. Assim, o sujeito do humanismo, caracterizado por sua “consciência”, sua “racionalidade universal” e seu “comportamento ético auto-regulado”, marca tudo o que ele não é como *outro*: mulheres, negros, não-brancos, povos colonizados²⁰.

Donna Haraway, também enfatiza que o sujeito do humanismo é auto-constituído como neutro: é ele quem estabelece corpos diferentes do seu como *outros*:

entre os séculos XVIII e meados do século XX, as grandes construções históricas de gênero, raça e classe foram incorporadas nos corpos organicamente marcados das mulheres, dos colonizados ou escravizados e dos trabalhadores. Aqueles que habitam esses corpos marcados têm sido simbolicamente diferentes do fictício sujeito racional universal e, portanto, não marcado²¹.

Desse modo, como afirma Braidotti, “nem todos podemos afirmar com certeza que sempre fomos humanos, ou que somos apenas humanos. Alguns de nós nem sequer são considerados totalmente humanos hoje, sem falar no passado da história social, política e científica do Ocidente.”²² De acordo com esse argumento, a parte que pode ser descartada da humanidade, que é considerada apenas marginalmente humana ou não-humana, marca os limites externos do que foi definido por dois séculos como o ser humano. Dito de outro modo, apesar da reivindicação de universal, os humanismos se instauram pela exclusão de seus *outros*, posto que no mesmo movimento que institui um padrão ou medida, também cria o seu avesso. É nesse sentido que o desdobramento da “morte do homem” parece ser levado a cabo no pós-humanismo crítico, na medida em que esta vertente se propõe a produzir uma descentralização do homem europeu moderno ao combater uma concepção de ser humano que foi atribuída a apenas uma parcela da humanidade e que, por regimes de exclusão e diferentes modos de relação de poder, se concebem como seres autônomos que podem agir livremente. Não deixaremos, contudo,

¹⁹ BRAIDOTTI, R. *The Posthuman*, Cambridge, Polity, 2013, p. 13.

²⁰ Id., *Ibid.*, p. 15.

²¹ HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*, New York, Free Association Books, 1991, p. 210.

²² BRAIDOTTI, R. *The Posthuman*, *op. cit.*, p. 1.

de interrogar, em nossa pesquisa, em que medida essa vertente teria de fato conseguido se desprender da *forma* homem como um parâmetro referencial para o pensamento.

É, no entanto, o discurso transhumanista que ocupará de modo mais direto a investigação proposta neste projeto. Essa eleição se deu por três razões principais:

- 1) Primeiramente, por certa imprecisão que o caracteriza. Jean-Yves Goffi estabelece essa inconsistência da seguinte forma: “alguns representantes do pensamento transumanista correlacionam os termos ‘transumano’ e ‘pós-humano’ de uma maneira peculiar. Eles se opõem com isso a outros usos desses termos, de tal modo que o debate em torno do transumano seja engajado em uma certa confusão”²³. Além disso, há a “convivência” de diferentes perspectivas sob a mesma nomenclatura. A origem do termo é atribuída a Julian Huxley, biólogo e irmão do escritor Aldous Huxley, que, em 1957, usa essa palavra para defender que o homem está apenas em seu estágio inicial de evolução, e que deve se aperfeiçoar pelo uso de tecnologias, mas desde então o transhumanismo alcançou muitas direções. Dentre o que se convencionou chamar de transhumanismo há correntes muito distintas, tais como o abolicionismo, o transumanismo democrático, o extropianismo, o transumanismo libertário, entre outros. Explorar essas correntes nos parece um passo fundamental para nos afastar de uma leitura totalizante desse conjunto discursivo.
- 2) Além disso, há aspectos predominantes no discurso transhumanista que parecem distanciar essa vertente de pensamento do esforço crítico do nosso tempo, ao reeditar conceitos e problemas já superados em um certo debate em torno da questão antropológica. Isso se expressa principalmente na suposição da existência de uma natureza humana. A “morte do homem” é entendida, desse modo, como uma transformação de sua natureza através da genética, da biomedicina e de novas tecnologias. A principal ideia difundida por esse argumento é que a transformação dessa natureza humana seria tão significativa em sua extensão e alcance que levaria ao desaparecimento do ser humano como o conhecemos. Para Nick Bostrom, uma das principais referências do discurso transhumanista no mundo acadêmico, o transhumanismo é concebido explicitamente como uma

²³ GOFFI, J.Y. “*Transhumain*”, in *Encyclopédie du trans/posthumanisme*. G. Hottois, J.-N. Missa et L. Perbal (dir), Librairie philosophique Vrin, 2015, p. 156. O uso do termo *pós-humano* por alguns segmentos do transhumanismo também contribuiu para o nosso interesse em produzir uma distinção entre essas duas vertentes em nossas análises.

“consequência do humanismo secular e do Iluminismo”²⁴. O aprimoramento preconizado por ele não seria apenas de habilidades físicas e intelectuais, mas também de habilidades psicológicas. Assim, o transhumanismo aspira à regulação dos afetos através do “auto-controle”²⁵ e do “controle dos estados mentais e do humor”²⁶. Bostrom supõe que essas melhorias superariam o mal inerente à “natureza humana”²⁷. Assim, através do progresso tecnológico e médico, o homem obteria a capacidade de dominar a “natureza” e criar algo diferente de si mesmo. Desse modo, o programa do transhumanismo é definido em termos de autonomia e estaria diretamente relacionado a uma certa concepção de liberdade. O entendimento do humano propagado pelo discurso transhumanista parece atualizar, assim, as ideias do humanismo clássico ao afirmar uma subjetividade que teria como principal característica a possibilidade de auto-regulação e auto-determinação. Seria o caso de investigar se esta proximidade conceitual constitui, de fato, um retorno ao humanismo. E ainda, em caso positivo, quais seriam os contornos dessa recodificação, em termos humanistas, dos caminhos de escape que foram abertos pela crítica do fundamento antropológico do pensamento moderno? Em que medida o discurso do transhumanismo estaria em conformidade com o projeto humanista descrito por Sloterdijk como uma forma domesticação (*Zähmung*) da humanidade?²⁸ Quais seriam os impactos – éticos, epistemológicos e políticos – do entendimento do ser humano como resultado de um progresso tecnológico e médico, o qual só nos caberia gerir e regular a aceitabilidade ou não de seus melhoramentos? O alargamento proposto pelo transhumanismo produziria uma modificação em torno do corpo e da saúde capaz de reconfigurar as fronteiras biológicas atuais?

- 3) Por fim, o caráter de movimento inerente ao discurso transhumanista – por conjugar uma pluralidade de atores: filósofos, cientistas, intelectuais, ativistas,

²⁴ BOSTROM, N. “In Defense of Posthuman Dignity”, *Bioethics*, vol. 19, no. 3, 2005, p. 201.

²⁵ *Id.*, *Ibid.*, p. 212

²⁶ *Id.*, *Ibid.*, p. 203.

²⁷ *Id.*, *Ibid.*, p. 205.

²⁸ SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de A. Marques. São Paulo, Estação Liberdade, 2000, p.15.

empresários, políticos, artistas – parece bastante profícuo para o tipo de investigação que buscamos realizar. Com vistas a escapar da narrativa entusiasmada de seus propagadores e do fatalismo conservador de seus críticos, propomos inicialmente a suspensão dessas duas posições, quase consolidadas em torno do transhumanismo, para analisar as condições de possibilidade de sua emergência e as práticas que acompanham as suas elaborações. A partir dessa trama complexa, pretendemos nos aproximar de tensões e disputas que atravessam as relações entre seus principais teóricos, as organizações que desempenham um papel ativo na proposição e disseminação de suas ideias, e os indivíduos usuários (ou não) de seus projetos de melhoramento. Essa opção de análise visa, assim, identificar discursos de verdade, estratégias de intervenção e modos de subjetivação nesses processos.

Não se trata, portanto, de rejeitar ou aderir de saída as ideias subjacentes ao transhumanismo. Busca-se antes elucidar alguns pontos que sustentam esse discurso que tem se tornado cada vez mais presente não só meio científico, mas também – e diríamos até principalmente – nas produções midiáticas e culturais. Interessa-nos pensar como e por que o trashumanismo ocupa hoje uma posição contundente em diferentes planos da vida cotidiana a ponto de ser pensado como caminho necessário.

A noção de *biopolítica*²⁹, elaborada por Michel Foucault, pode contribuir de maneira bastante proveitosa para uma análise do modo como o transhumanismo organiza discursivamente uma sociedade que deveria se auto-regular em direção à sua otimização.

²⁹ Foucault identifica no século XIX uma espécie de tomada de poder sobre o homem como ser vivo, uma estatização do biológico que leva a um posicionamento diante da vida e da morte. Na soberania, o direito era vinculado à possibilidade de “fazer morrer” ou “deixar viver”. O direito de matar do soberano era, assim, constitutivo da soberania. Já a partir do século XIX, instala-se um novo direito, ligado, inversamente, ao “fazer viver” e ao “deixar morrer”. Ele situa essa transformação nos níveis dos mecanismos, das técnicas e das tecnologias de poder. Nos séculos XVII e XVIII surgiram técnicas centradas no corpo individual. Elas seriam visíveis na distribuição espacial dos corpos individuais: separação, alinhamento, colocação em série, vigilância; organizando-os a partir de um campo de visibilidade. Assim, é o trabalho sobre esses corpos que passa a ocupar o poder, tendo em vista aumentar sua força útil, a partir de exercícios e treinamentos, mas também de técnicas de racionalização e economia. Tratam-se de estratégias para que o poder possa ser exercido de maneira menos onerosa: sistemas de vigilância, hierarquia, inspeções, escriturações. Produz-se, assim, uma tecnologia disciplinar do trabalho. A partir da segunda metade do século XVIII, contudo, surge algo novo. Uma outra tecnologia – que não exclui a primeira e que se torna efetiva a partir dela. Está, no entanto, em outro nível, em outra escala. Trata-se da biopolítica. Agora, objetiva-se intervir sobre a vida dos homens, não sobre o homem-corpo, mas sobre o homem vivo; no limite, o homem-espécie. Não se trata apenas, assim, de intervir sobre os homens a partir de seu desempenho individual, mas na medida em que conformam uma massa global, que se afeta por processos que são próprios da vida (nascimento,

Considerando que o aspecto predominante em diferentes segmentos do discurso trashumanista é o alargamento das capacidades do ser humano³⁰, podemos afirmar que as elaborações e proposições desse conjunto discursivo se fundamentam em uma definição biológica do homem. As possibilidades abertas pelo transhumanismo propõem, assim, uma forma de lidar com o problema da *finitude* (entendida, neste caso, em termos estritamente biológicos), ao mesmo tempo que mobilizam e alimentam um sistema biomédico pelo qual os indivíduos são incentivados a se projetar e a cuidar cada vez mais de seus corpos através de novas técnicas. No discurso transhumanista, é constantemente reafirmado e, assim, preservado um *padrão* que o pós-humanismo crítico busca denunciar. Esse processo de normatização se expressa, no transhumanismo, através do próprio conceito de vida e leva à desvalorização de tudo o que não corresponde ao seu modelo ideal produtivo. É a partir desses elementos que nos interrogamos se não estaria emergindo, com estes dispositivos, uma nova forma de *biopolítica* centrada no corpo individual³¹ e levada a cabo por processos que não exigem, pelo menos de forma direta, a ação do Estado em sua execução. Se há uma forma de *biopolítica* inerente ao discurso transhumanista seria preciso considerar também as aberturas possíveis para a emergência de contrapoderes. As novas tecnologias podem suscitar novas formas de subjetividade a partir de novos usos da liberdade? Que experimentações subjetivas e agenciamentos coletivos podem ser instaurados nesse campo de batalha?

É por identificar uma insuficiência de interlocução entre essas duas vias de tratamento da questão antropológica hoje que a nossa pesquisa propõe colocá-las em relação. É um exercício arriscado por se tratar de uma problemática ainda sem contornos definidos. A nossa investigação busca, portanto, mais que encontrar respostas definitivas, cartografar as suas implicações e, quem sabe, contribuir para localizá-las num debate mais

morte, doença). É uma passagem de um processo individualizante para outro massificante, de uma anatomo-política do corpo humano para uma biopolítica da espécie humana (Cf. FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*, tradução de Maria Ermantina Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 285-315). Naturalmente não seria o caso de aplicarmos aqui diretamente essa noção para pensar a atualidade. Invocamos a biopolítica como um recurso analítico por entendermos que há no transhumanismo uma inflexão radical em torno do corpo e da saúde que pode ser lida nesta chave. Não deixaremos, contudo, de apontar as especificidades que caracterizariam uma *biopolítica* no nosso presente, conforme enfatizaremos no item 3 deste projeto.

³⁰ FRIPPIAT, L. *Transhumanisme*, in *Encyclopédie du post/transhumanisme*, op. cit. p. 167.

³¹ Cf. Nikolas Rose, *The Politics of life itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Princeton University Press, 2007, p. 8.

amplo, em torno do problema antropológico. Se na vertente transhumanista pode haver uma abertura para a emergência de contrapoderes ou uma apropriação dos recursos tecnológicos em proveito de um trabalho sobre si, há também o risco, no pós-humanismo crítico, de seus autores se enredarem justamente na trama conceitual que pretendem combater. Seria o caso, por fim, de explorarmos as proximidades possíveis entre estas duas vertentes e considerar a possibilidade de que elas não estejam tão distantes assim.

2) Resultados esperados

O principal resultado da pesquisa será um estudo sobre os desdobramentos contemporâneos do diagnóstico da “morte do homem” anunciado por Foucault em *Les mots et les choses*, considerando o tratamento da questão em duas vias predominantes no pensamento filosófico, a saber: o pós-humanismo crítico e o trashumanismo, privilegiando a segunda vertente. A investigação pretende também mapear os contornos deste debate, ainda nebuloso na atualidade, buscando contribuir na compreensão dos limites que separam e/ou aproximam cada via.

Além disso, a pesquisa segue alguns passos para o desenvolvimento dessa investigação mais ampla, que se desdobrarão em outros resultados parciais:

I) uma leitura da *crítica da razão antropológica* empreendida por Foucault, buscando compreender de que modo o diagnóstico da “morte do homem” impactou nas elaborações contemporâneas em torno do homem. Esta etapa do trabalho deriva da pesquisa já realizada no doutorado e constitui um prolongamento dos argumentos articulados na tese, como apresentado inicialmente neste projeto.

II) uma cartografia dos caminhos que essa *crítica* da forma homem como medida do pensamento moderno toma no nosso presente, visando produzir uma distinção entre o campo discursivo transhumanista e o pós-humanismo crítico. Isso será feito a partir de uma análise do tratamento da *questão antropológica* por autores contemporâneos selecionados pela extensão e relevância de seus trabalhos, conforme exposto no item 1 deste projeto.

III) uma análise do “arquivo” que compõe o discurso transhumanista, buscando contemplar – além de textos acadêmicos e formulações teóricas mais acabadas –

manifestos e conteúdos programáticos de organizações de diferentes concepções de transhumanismo, que permitirão visualizar a heterogeneidade desse conjunto discursivo³². Serão examinados, inicialmente, a *Declaração Transhumanista* de 1998³³, além de documentos e proposições de organizações com o *Extropy Institute*³⁴, a *Humanity+*³⁵ e a *Association Française Transhumaniste (AFT)* ou *Technoprog*³⁶.

IV) um exame da relação entre ficção e discurso transhumanista, buscando localizar de que forma algumas elaborações da literatura especulativa e da bioarte antecipam, dialogam ou se apropriam de problemas e questões que articulam este conjunto discursivo. No âmbito da literatura especulativa serão alvo de nosso interesse tanto obras já consideradas clássicas como *Do Androids Dream of Electric Sheep?* de Philip K. Dick, quanto novos expoentes do gênero como o *Soumission* do escritor francês contemporâneo

³² Os exemplos discursivos apresentados aqui não encerram, de modo algum, o escopo da nossa investigação. Eles são trazidos como exemplos obtidos em um levantamento preliminar, que será retomado e aprimorado ao longo da pesquisa.

³³ Declaração elaborada por um conjunto extenso de pesquisadores de várias nacionalidades com o objetivo de estabelecer os princípios gerais que orientam o transhumanismo. Embora tenha sido escrita em 1998, vem sendo atualizada, também de forma colaborativa, e foi adotada em 2009 pelo conselho da *Humanity+*. A nossa análise contemplará, de forma comparativa, as diferentes versões do documento.

³⁴ Instituto criado no final da década de oitenta por Max More e Tom Bell. Auto-denominado uma organização educacional não-lucrativa, o Instituto visava construir uma rede de produção e difusão de informações transhumanistas. A organização encerrou suas atividades em 2006 – sob a alegação de que teria concluído a sua missão – e apresentou um plano estratégico para que “os trashumanistas” continuassem o trabalho. O referido plano estratégico também irá compor o corpo documental deste projeto.

³⁵ Também sob a denominação de organização educacional sem fins lucrativos, a *Humanity+*, instituição que deriva da antiga *World Transhumanist Association* (fundada em 1998 por Nick Bostrom e David Pearce) afirma dedicar-se à “elevação da condição humana” a partir do desenvolvimento de programas de tecnologias emergentes e especulativas “projetados para produzir resultados úteis para indivíduos e instituições”. O site da organização comporta uma diversidade de projetos e publicações que serão examinados nesta pesquisa. As modificações conceituais e embates políticos que permeiam essa refundação institucional também serão alvo de análise.

³⁶ Associação fundada em 2007 com o objetivo de promover as ideias transhumanistas na França. É uma instituição cuja inclinação política é fortemente marcada à esquerda e concentra uma parte significativa de sua atividade no debate sobre as consequências sociopolíticas do avanço tecnológico e as possibilidades de um transhumanismo democrático. As proposições da AFT serão abordadas como um contraponto aos movimentos anglófonos do transhumanismo, de tendências mais liberais e individualistas.

Michel Houellebecq. Já no domínio da bioarte serão analisados trabalhos como os de Neil Harbisson³⁷.

V) uma análise das condições de possibilidade de emergência do discurso trashumanista que permeia a nossa contemporaneidade em diferentes domínios do pensamento. A investigação apresentará, ainda, os contornos das relações entre esse conjunto discursivo e a racionalidade neoliberal – considerando os riscos da possibilidade de instauração de uma nova forma de controle da subjetividade que atualiza o sentido da noção de biopolítica proposta por Foucault –, sem deixar de lado a possibilidade de instauração de contrapoderes por meio de práticas de liberdade.

A pesquisa buscará por fim, pensar de que forma as proposições do discurso trashumanista – levantadas nos movimentos de pesquisa anteriores – modificam os domínios da “vida”, do “trabalho” e da “linguagem” trabalhados por Michel Foucault em *Les mots et les choses*. Esse retorno ao livro de 1966 nos parece importante por ele ter funcionado como disparador da nossa investigação. Nosso trabalho possui, assim, um eixo articulado a partir do pensamento de Foucault. Isso pressupõe tomá-lo como espécie de ponto de partida, no sentido de formular a questão, mas é também balizá-lo, de modo crítico, a partir de elaborações contemporâneas.

Esses resultados darão origem a cinco artigos, a serem publicados em revistas acadêmicas de filosofia ou áreas afins. Além disso, os resultados parciais da pesquisa serão apresentados em eventos nacionais e internacionais. Pretende-se, ainda, que o relatório final – que conterà parte dos textos apresentados sob a forma de artigos – dê origem a uma publicação em livro. Desse modo, os artigos serão acrescidos de um aparato analítico que permitirá a visualização dos resultados parciais de forma articulada.

³⁷ O britânico Neil Harbisson nasceu com acromatopsia, condição visual que impede a visualização de cores, sendo possível enxergar apenas tons de cinza. Em 2003 Neil procurou a ajuda do cientista da computação Adam Montandon e outros colaboradores para criar uma tecnologia que lhe permitisse decodificar as cores através de sons. O resultado da pesquisa foi um aparato eletrônico, em formato de antena, que foi implantado em sua cabeça. Desde então ele passou a usar este dispositivo para criar imagens a partir da conversão de sons em cores. Neil foi o primeiro ciborgue a ser reconhecido por um governo em 2014. No seu caso, tanto a condição de ciborgue quanto os trabalhos de pintura realizados a partir de seu “órgão eletrônico” serão explorados.

3) Desafios científicos e tecnológicos e os meios e métodos para superá-los

Como o título do projeto indica, buscamos produzir com essa pesquisa *uma investigação histórico-filosófica* vinculada a uma *ontologia do presente*. Desse modo, a pesquisa se articula duplamente ao pensamento de Michel Foucault. Além de se propor a pensar na esteira temática instaurada pelo filósofo francês, procuramos trabalhar também a partir de sua perspectiva metodológica.

A noção de *ontologia do presente* aparece tardiamente no léxico de Foucault, ao lado de outros termos correlatos que foram utilizados na década de oitenta com o objetivo de definir em retrospectiva o seu próprio trabalho. Inicialmente, na aula de 5 de janeiro, do curso *Le gouvernement de soi et des autres*, ministrado no *Collège de France* em 1983³⁸, Foucault apresenta aos seus ouvintes termos como *ontologia do presente*, *ontologia da atualidade*, *ontologia da modernidade* e *ontologia de nós mesmos*. Ele trabalha com essas variações quase como sinônimos para definir um trabalho de interrogação acerca da atualidade, que toma o presente como objeto de reflexão filosófica. E afirma em seguida que essa foi a perspectiva que ele procurou desenvolver em seus estudos.

Posteriormente, em abril do mesmo ano, em entrevista concedida a Dreyfus e Rabinow³⁹, Foucault utiliza mais uma vez a noção de *ontologia histórica* ao apresentar os procedimentos metodológicos e os objetos de seus estudos. Afirma, nessa oportunidade, que suas análises sobre as relações entre saber e poder teriam se estruturado em três domínios. O primeiro corresponderia a uma “ontologia histórica de nós mesmos com relação à verdade através da qual nós nos constituímos como sujeitos de conhecimento”; o segundo, a “uma ontologia histórica de nós mesmos relacionada a um campo de força através do qual nós nos constituímos como sujeitos agindo sobre outros”; o terceiro, a “uma ontologia histórica relacionada à ética através da qual nós nos constituímos como agentes morais”⁴⁰. Foucault recorre então à *ontologia histórica* para

³⁸ Michel Foucault. *Le gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France 1982-1983. Paris: Seuil, 2008. *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

³⁹ Id. “O sujeito e o poder”. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

⁴⁰ Id. *Ibidem*, p. 237.

dar uma unidade às investigações empreendidas por ele.

É nessa perspectiva metodológica, de um questionamento permanente sobre o que estamos fazendo de nós mesmos, que a pesquisa apresentada neste projeto pretende trabalhar. Tal procedimento apresenta desafios, uma vez que não se trata de um método propriamente aplicável. A investigação será empreendida, contudo, a partir dos recursos metodológicos com os quais Foucault opera as suas análises (a formação dos saberes, os sistemas de poder que regulam as práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem se reconhecer como sujeitos), com vistas a produzir uma reflexão sobre o que nos determina articulada à criação de ferramentas que possibilitem nos produzir de outro modo. O caminho da pesquisa buscará, portanto, identificar – no âmbito de discursos e práticas que se abrem com a racionalidade chamada trashumanista – os aspectos condicionantes e tencionar os limites de sua ultrapassagem em um só movimento. É nesse esteio, ainda, que materiais de muitas ordens – manifestos, textos acadêmicos, peças de ficção, programas institucionais, artigos, etc., conforme descrito anteriormente neste projeto – serão considerados para compor uma análise crítica do campo discursivo transhumanista.

A interlocução com o professor Franklin Leopoldo e Silva, supervisor do projeto, será fundamental para enfrentar os desafios inerentes à pesquisa. O seu acompanhamento sistemático e a força da sua experiência e reflexão contribuirão imensamente na garantia do rigor filosófico de uma investigação que se propõe a trabalhar com um escopo documental amplo e um conjunto de problemas abertos na atualidade.

O mesmo cuidado que orientará o nosso recurso à perspectiva metodológica de Michel Foucault deve ser observado para o uso da noção de *biopolítica*. É importante ressaltar que ela não é tomada, na proposta analítica da pesquisa, como uma transformação linear do exercício de poder característico de uma época em continuidade direta com o que foi descrito por Foucault para pensar a sua conformação nos séculos XVIII e XIX. É preciso considerar as configurações específicas que ela assume no nosso presente sem inscrever essas modificações no esquema proposto por uma história de ideias, doutrinas ou mesmo um devir filosófico que poderia situar uma nova política da vida – que deriva do campo de discursos e práticas transhumanistas como um desenvolvimento necessário de uma certa forma teórica.

A perspectiva adotada por Nikolas Rose, para pensar a política da vida – ainda em sua forma biopolítica, mas no cenário que ele nomeia como sociedades liberais avançadas – parece-nos bastante proveitosa. Em *The Politics of Life Itself*, Rose mobiliza uma vasta

gama de informações sobre avanços recentes em áreas como a genética, a psicologia, a medicina e economia, para descrever como as novas políticas da vida derivam do entrelaçamento de um novo estilo de pensamento científico sobre a vida e a natureza humana, que institui também uma nova “arte de governar” encampada por grandes multinacionais, mas que abre a possibilidade também para a criação de uma ética ou de uma nova relação consigo mesmo por meio da contestação e de um enfrentamento político das formas de intervenção criadas em torno dos fenômenos da vitalidade humana, do nascimento à doença, do direito à saúde, passando pela mortalidade⁴¹.

Desse modo, a pesquisa buscará apreender essa nova tecnologia da vida que emerge no nosso presente em diferentes níveis, levando em conta as relações complexas entre ciência, técnica, tecnologia e política que permeiam o campo transhumanista no cruzamento de novas formas de problematização do saber científico e a possibilidade de uma resistência política. Trata-se, portanto, de uma apropriação conceitual que busca atualizar temas e recursos metodológicos para empreender uma investigação *ao lado* de Michel Foucault, mas forçosamente *além* de Foucault, pela exigência de pensar as especificidades do nosso tempo.

4) Cronograma

As atividades elencadas abaixo contemplam tanto as atividades previstas para o plano de realização da pesquisa, como aquelas exigidas pelo Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) para o cumprimento de estágios pós-doutorais.

Atividades	Primeiro Ano :: 2020-2021			
	Mar/Abr/Mai	Jun/Jul/Ago	Set/Out/Nov	Dez/Jan/Fev
Levantamento bibliográfico exaustivo	X			
Consolidação das fontes documentais	X	X	X	

⁴¹ ROSE, Nikolas. *The Politics of Life Itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*, Princeton University Press, 2007. p. 54.

Organização do acervo bibliográfico e de fontes documentais	X	X	X	
Análise conjunta dos materiais bibliográficos e fontes documentais	X	X	X	
Atividades relacionadas à execução do resultado esperado I	X	X	X	
Escrita do Artigo 1		X	X	
Atividades relacionadas à execução do resultado esperado II		X	X	
Escrita do Artigo 2			X	X
Participação em eventos acadêmico da área de Filosofia apresentando os resultados parciais da pesquisa		X		X
Direção de seminário de leitura e pesquisa sobre temas relativos ao projeto a ser oferecido no Departamento de Filosofia da FFLCH/USP e aberto a comunidade acadêmica e demais interessados.		X	X	X
Participação em eventos organizados pelo Departamento de Filosofia da FFLCH/USP	X	X	X	X
Participação na organização do XII Colóquio Internacional Michel Foucault a ser realizado na PUC-SP, no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa Michel Foucault	X	X	X	

Previsão de Realização de Estágio de Pesquisa no Exterior (França)	Março de 2021 até Fevereiro de 2022
<p>Nessa oportunidade, será possível debater criticamente com interlocutores franceses os aspectos analíticos e os resultados parciais da pesquisa. O <i>Laboratoire Sociologie, Philosophie et Anthropologie Politiques (SOPHIAPOL)</i> da <i>Université Paris Nanterre</i> – ao qual a candidata esteve vinculada durante a realização do seu estágio doutoral entre dezembro de 2016 e novembro de 2017 – será um espaço privilegiado para esta interlocução. Os dois artigos produzidos inicialmente serão revisados a partir dos debates estabelecidos nesta oportunidade. Além disso, o período na França será proveitoso para uma importante complementação da pesquisa realizada no <i>Fonds Michel Foucault</i>, depositado no setor de manuscritos da <i>Bibliothèque nationale de France (BnF)</i>. Trata-se do curso “<i>Connaissance de l’homme et réflexion transcendantale</i>”, ministrado na <i>Université de Lille</i> entre 1952 e 1953. O curso tem fundamental relevância para a presente pesquisa por recompor o desenrolar do tema antropológico na filosofia do século XIX (questão articulada ao resultado esperado I). No período de realização do estágio doutoral não foi possível analisar este documento porque a caixa XLVI, que armazena o curso, não estava disponível para consulta.</p>	

Atividades	Segundo Ano :: 2022-2023			
	Mar/Abr/Mai	Jun/Jul/Ago	Set/Out/Nov	Dez/Jan/Fev
Revisão e Submissão do Artigo 1	X			
Revisão e Submissão do Artigo 2	X			
Participação em eventos acadêmico da área de Filosofia apresentando os resultados parciais da pesquisa		X		X
Atividades relacionadas à execução do resultado esperado III	X			
Escrita do Artigo 3	X			
Atividades relacionadas à execução do resultado esperado IV		X		
Escrita do Artigo 4		X		
Atividades relacionadas à execução do resultado esperado V			X	
Escrita do Artigo 5			X	
Revisão e Submissão do Artigo 3			X	X
Revisão e Submissão do Artigo 4			X	X
Revisão e Submissão do Artigo 5			X	X
Redação de Relatório Final				X
Proposição de curso de extensão (sobre temas relativos a pesquisa) a ser			X	X

oferecido no Departamento de Filosofia da FFLCH/USP				
Apresentação de Palestra no Departamento de Filosofia FFLCH/USP expondo os resultados finais da pesquisa				X
Participação nas reuniões mensais do Grupo de pesquisa Michel Foucault, sediado na PUC-SP	X	X	X	X
Participação em eventos organizados pelo Departamento de Filosofia da FFLCH/USP	X	X	X	X

5) Disseminação e avaliação

A pesquisa será disseminada através de ao menos 5 artigos escritos a partir dos resultados parciais descritos no item 2 deste projeto. Serão oferecidos também um seminário de leitura e pesquisa e um curso de extensão realizados no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) e aberto à comunidade acadêmica e demais interessados. Apresentações e debates serão realizados de forma sistemática em eventos nacionais e internacionais cuja temática seja consoante ao projeto. Além disso, está prevista a participação da candidata na organização do XII Colóquio Internacional Michel Foucault, a ser realizado na PUC-SP em outubro de 2020. Por fim, pretende-se que o relatório final – que conterá parte dos textos apresentados sob forma de artigos – dê origem a uma publicação em livro.

Os resultados da pesquisa serão avaliados com base nos relatórios parciais e finais apresentados à Fapesp. Além disso, serão feitas avaliações periódicas pelo professor Franklin Leopoldo e Silva, supervisor do projeto. Os resultados parciais da pesquisa também serão amplamente discutidos em reuniões do Grupo de Pesquisa Michel Foucault (GPMF-PUC-SP), do qual a candidata é membro desde de 2014.

6) Bibliografia Citada⁴²

BOSTROM, N. “In Defense of Posthuman Dignity”, *Bioethics*, vol. 19, no. 3, 2005

⁴² Para respeitar a exigência de número de páginas recomendado pela FAPESP, apresentamos aqui somente a bibliografia citada e a bibliografia completa seguirá como um documento anexo.

_____. “Human Genetic Enhancements: A Transhumanist Perspective”, *The Journal of Value Inquiry*, vol. 37, 2003

BRAIDOTTI, R. *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Em defesa da sociedade*, tradução de Maria Ermantina Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. “O sujeito e o poder”. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

_____. *Le gouvernement de soi et des autres*. Cours au Collège de France 1982-1983. Paris: Seuil, 2008.

_____. *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRIPPIAT, L. “Transhumanisme”. In *Encyclopédie du trans/posthumanisme*. G. Hottois, J.-N. Missa et L. Perbal (dir), Librairie philosophique Vrin, 2015.

GOFFI, J.Y. “Transhumain”. In *Encyclopédie du trans/posthumanisme*. G. Hottois, J.-N. Missa et L. Perbal (dir), Librairie philosophique Vrin, 2015.

GOMES DA SILVA, F. *Como pode o homem escapar de si mesmo? Uma leitura ficcional de Michel Foucault*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Free Association Books, 1991.

LEBRUN, G. *Kant et la fin de la métaphysique*. Paris: Le Livre de poche, 2003.

ROSE, N. *The Politics of life itself. Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

SLOTERDIJK, P. *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de A. Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.